



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE
BACHARELADO EM ENFERMAGEM**

ANA ALICE DAMASCENO

**A DINÂMICA DO BULLYING: O PERFIL DE ESTUDANTES DO 8º ANO DAS
ESCOLAS PÚBLICAS DA CAPITAL BRASILEIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em forma de artigo como requisito a formação no Bacharelado em Enfermagem no UniCEUB, sob orientação da Professora Doutora Julliane Messias Cordeiro Sampaio.

**BRASÍLIA
2020**

A dinâmica do bullying: o perfil de estudantes do 8º ano das escolas públicas da capital brasileira.

Ana Alice Damasceno¹

Julliane Messias Cordeiro Sampaio²

Resumo

O objetivo do presente estudo é descrever a dinâmica do *bullying* no espaço escolar entre estudantes do 8º ano do ensino fundamental nas escolas públicas de Brasília. Trata-se de um estudo descritivo, exploratório e transversal. Os dados utilizados nesta pesquisa são provenientes de um estudo de maior magnitude onde foram identificadas e extraídas as respostas dos alunos do oitavo ano do ensino fundamental. Dentre os resultados encontrados, estes alunos destacam-se por apresentar maior número de envolvidos em atos de *bullying*, onde, 34% relataram ser vítimas e 40 % ser agressores. Ser apelidado foi o tipo de manifestação com maior prevalência (62 %) entre as vítimas. A prevalência do *bullying*, suas características e as consequências negativas por ele acarretadas configuram esse fenômeno como um problema de saúde pública e, abre precedentes para ações intersetoriais, incluindo a enfermagem no diagnóstico e prevenção do *bullying*. O estudo remete a importância de identificar e propor uma reflexão sobre os aspectos do *bullying* e possibilidades de minimizar os danos causados por esse tipo de violência no ambiente escolar.

Palavras-chave: *Bullying*. Violência. Enfermagem. Saúde escolar.

The dynamics of school bullying: the profile of 8th grade students in public schools in the Brazilian capital.

Abstract

The objective of the present study was to describe the dynamics of bullying in the school space among 8th grade students in public schools in Brasília. This is an exploratory and cross-sectional descriptive study. The data used in this research come from a study of greater magnitude where the answers of the 8th grade students of elementary school were identified and extracted. Among the results found, these students stand out for present a greater number of involved in acts of bullying stands out where 34 % reported being victims and 40% aggressors. For both groups, nicknames were the most frequent type of manifestation, 62% (victims). The prevalence of bullying, its characteristics and the negative consequences caused by it, configures this phenomenon as a public health problem and set precedents for intersectoral actions, including nursing in the diagnosis and bullying prevention. The study highlights the importance of identifying and proposing a reflection on the aspects of bullying and possibilities to minimize the damage caused by this type of violence in the school environment.

Key-words: *Bullying*. Violence, Nursing, School Health

¹ Estudante do curso do curso de Enfermagem da Faculdade de Ciências da Saúde – FACES/UNICEUB

² Professora Titular do curso de Enfermagem da Faculdade de Ciências da Saúde – FACES/UNICEUB.

1. INTRODUÇÃO

A violência que ocorre no espaço escolar, com suas peculiaridades, pode servir de estímulo para instituir duas categorias que estão diretamente ligadas aos conflitos: as das vítimas e a dos agressores. Ela põe em risco a função da escola no que tange a prática da educação e o processo de ensino, tornando este um local em potencial para a eclosão e para a perpetuação de atos violentos (GIORDANNI; SEFFNER; DELL'AGLIO, 2017).

Concebida como um problema de Saúde Pública devido à carga de mortalidade, morbidade e sofrimento causados pela condição, a violência em seu conceito mais abrangente é tido como uso intencional de força que pode ou não ser física; do poder, real ou do uso de ameaças e intimidações contra outras pessoas, ou até contra si, ou contra uma comunidade, que possa resultar em lesão física ou psicológica, ou impeça desenvolvimento do indivíduo por meio de privação (ALVES, 2015).

No que diz respeito a violência que ocorre no espaço escolar, surge o termo *bullying* de origem inglesa onde *Bully* significa “valentão” e, quando transpõe os portões e se insere no espaço escolar, essa violência se apresenta a partir de relações conflituosas, por meio de violência física ou psicológica, em atos de intimidação, humilhação ou discriminação e, ainda, a intimidação sistemática na rede mundial de computadores (*cyberbullying*), para depreciar, incitar a violência, adulterar fotos e dados pessoais com o intuito de criar meios de constrangimento psicossocial (BRASIL, 2015).

O *bullying* é uma violência multifacetada que se apresenta através de insultos, ameaças, constrangimentos, humilhações, hostilidades de forma abusiva e recorrentes, onde o agressor pode se manter intimidando sua vítima por períodos que variam, podendo permanecer por dias, semanas, meses ou até mesmo por anos, gerando na vítima sentimentos de incapacidade, angústia e medo, podendo causar danos à sua saúde física ou mental (ZEQUINÃO, 2016) e, apresenta quatro características: intenção do autor em perpetrar a violência contra o alvo, repetitividade das agressões, presença de público espectador/testemunha e sofrimento do alvo com relação à ofensa. É realizada, em maior parte das vezes, em locais de mínima supervisão, e pode ocorrer também entre colegas, como professores, diretores e membros de coordenação (GALVÃO et al., 2015).

Para que seja considerada *bullying*, a agressão deve ocorrer entre pares considerando-se, ainda, se a vítima for agredida no mínimo três vezes pelo mesmo agressor num espaço de tempo de um ano (CARVALHO, 2017).

Classificações arbitrárias definem apenas três tipos de atores dentro do cenário do acontecimento desta violência, sendo que, segundo Manzini, classificar os alunos em

apenas 3 esferas de participação (vítimas, agressores e observadores), traz um conceito simplista, avaliando como se o único responsável pela agressão fosse o autor (aluno) e sua família, sendo que o bullying é construído de relações sociais mais complexas (MANZINI, 2018).

Em qualquer uma das posições previamente mencionadas, o envolver-se com o *bullying* traz consequências graves que podem ser irreparáveis sejam imediata ou tardiamente, como, o suicídio, a baixa-estima, distúrbios do sono, depressão, evasão escolar, baixo desenvolvimento educacional nas vítimas tornando-se potencializador da criminalidade e conseqüentemente do comportamento antissocial para os agressores, podendo chegar à vida adulta levando consigo problemas de delinquência, e até mesmo condenações durante este período (DINIZ, 2017). Nos diversos contextos de participação em situações de *bullying*, não se pode minimizar os problemas adjacentes a este fenômeno, associando-o singelamente a um único grupo etário (SANTOS et al., 2015).

Vale ressaltar que, no Brasil, no que concerne o enleio direto com o *bullying*, os índices apresentam-se elevados. Conforme dados da Pesquisa Nacional da Saúde do Escolar (PeNSE, 2015), a prevalência de *bullying* foi de 7,4% entre os estudantes brasileiros. Os resultados apontaram uma maior prevalência entre os meninos (7,6%) quando comparada entre estudantes do sexo oposto (7,4%). A chance de sofrer *bullying* é maior em alunos de 13 anos e aumenta entre alunos do sexo masculino e que sejam da raça/cor parda e indígena. Ter a idade entre 15 e 16 anos, bem como e maior escolaridade materna se apresentam como fatores de proteção contra sofrer *bullying* (MELO et al., 2015).

Frente ao cenário ora apresentado, observa-se a imprescindibilidade de ações intersetoriais através do diagnóstico situacional e instalação de ações que possibilitem a diminuição do *bullying* no ambiente escolar (SILVA, 2018).

Diante dessa necessidade, emerge a enfermagem como prática social que tem, em seu exercício profissional a possibilidade atuar de maneira multidisciplinar, em parceria com a comunidade escolar, mediando e desenvolvendo as ações de prevenção ao *bullying*, baseando-se no conceito de interdisciplinaridade pois este profissional possui habilidades que o torna capaz reconhecer a dinâmica e características pertinentes ao fenômeno em cada unidade escolar, a fim de que as estratégias de minoração e prevenção do *bullying* estejam pautadas no perfil de sua clientela (YOSHINAGA, 2015).

Partindo desta premissa, o papel do enfermeiro na escola, como consequência a sua atuação na Atenção Básica, deve se pautar na construção de uma perspectiva

interdisciplinar e intersetorial para a prevenção do fenômeno *bullying* e nas ações baseadas em evidências, de modo a detectar como melhor trabalhar essa temática com os educandos, na família e na comunidade. Isto posto, a enfermagem poderá atuar assessorando a escola na identificação de situações vulneráveis e estruturar, em parceria com a mesma, estratégias que viabilizem a redução deste tipo de violência (SILVA, 2013).

Becker (2016), refere ainda que esse profissional pode ainda identificar situações de risco voltadas às realidades exteriores que possam indicar a vulnerabilidade das crianças e dos adolescentes à violência escolar e atentar/orientar as famílias para as consequências desse tipo de violência na saúde e na qualidade de vida do educando. Sendo assim, instituiu-se como objetivo dessa investigação descrever a dinâmica do *bullying* no espaço escolar entre estudantes do 8º ano do ensino fundamental de uma escola do interior paulista frente ao seu envolvimento em situações deste fenômeno, caracterizado pela violência entre pares.

Desta maneira, compreendendo o *bullying* como um problema de saúde pública e a possibilidade de participação do enfermeiro, por meio de ações intersetoriais, baseando-se no conceito de interdisciplinaridade, junto à equipe multiprofissional, contribuir de forma positiva no diagnóstico situacional e identificação da dinâmica desse fenômeno para, a posteriori, propor ações de prevenção e redução do *bullying* na escola justifica a relevância desse trabalho (SAMPAIO et al., 2015).

Para tanto, elencou-se como objetivo geral: descrever a dinâmica do *bullying* no espaço escolar entre estudantes do 8º ano do ensino fundamental de uma escola no entorno de Brasília, como objetivos específicos: caracterizar o perfil sócio demográfico dos estudantes do 8º ano e, realizar o diagnóstico situacional entre estudantes do 8º ano.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, exploratório e transversal. Nesse estudo os dados foram provenientes de um banco de dados, resultado da investigação de maior magnitude onde fora realizada a avaliação de um programa de intervenção *antibullying* em escolas na capital brasileira.

A partir da autorização para utilização do banco de dados e a declaração a presente investigadora assumiu o compromisso de manter em sigilo das informações ali contidas, foram identificadas e extraídas as respostas dos alunos do oitavo ano do ensino fundamental. Para a descrição dos dados foi utilizado a análise descritiva. Toda a análise

estatística foi feita utilizando o software SPSS. Os resultados serão apresentados por meio de tabelas.

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) do UNICEUB, conforme ofício 80199617.6.0000.0023, e posterior aprovação sob parecer de nº 2.542.317, datado 13 de março de 2018. Respeitando-se as prerrogativas da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, então vigente na ocasião de análise junto ao CEP.

3. DESENVOLVIMENTO

Para que a pesquisa fosse desenvolvida, optou-se por caracterizar como vítimas de *bullying* estudantes que relataram estar envolvidos nesta violência em uma frequência igual ou maior que três vezes no ano (NOVA, SENA; OLIVEIRA, 2015; LOPES, 2011). Em se tratando dos agressores, a caracterização deu-se através de auto relato dos estudantes que cometeram algum tipo de violência contra algum(s) colega(s) de maneira proposital e repetitiva (DIAS; DADICO; CASCO, 2020).

Quadro 1: Estudantes matriculados durante o desenvolvimento da pesquisa, perdas e total de participantes do oitavo ano.

Estudantes matriculados	418
Estudantes evadidos/desistentes	93
Estudantes que não aceitaram participar/desistiram/critério de exclusão	53
Total de estudantes do 8º ano que participaram da investigação	72

Fonte: Elaborado pela autora a partir do banco de dados secundários.

Na tabela 1, está representada as características dos estudantes do oitavo ano escolar (n=72), quanto a variável **Sexo**, houve a mesma porcentagem entre estudantes do sexo masculino e feminino (50,0%), a variável idade apontou a prevalência de estudantes com doze e treze anos de idade (81,9%). Quanto à reprovação, a maior parte dos sujeitos nunca haviam reprovado (86,1%) e, finalmente, 72,2% dos participantes consideraram-se ser de cor/raça parda ou branca.

Tabela 1: Caracterização dos estudantes (n=72), 8º ano escolar, sexo, idade e cor/raça. Brasília, Distrito Federal, Brasil, 2020.

Variáveis	n	%
Sexo		
Feminino	36	50,0
Masculino	36	50,0
Idade		
12	27	37,5
13	32	44,4
14	10	13,9
15	3	4,2
Reprova		
Nunca Reprovei	62	86,1
Reprovei	10	13,9
Cor/Raça		
Branca	19	26,4
Preta	16	22,2
Parda	33	45,8
Amarela	3	4,2
Indígena	1	1,3

Objetivando elucidar a dinâmica do *bullying* entre os alunos do oitavo ano, os resultados serão elencados e apresentados a seguir.

O estudo mostrou que 34,7% dos estudantes participantes relataram ter sofrido algum tipo de transgressão pelo menos três vezes de maneira repetitiva e intencional. Observou-se, na tabela 2, maior prevalência entre estudantes do sexo feminino (56%) em comparação aos do sexo masculino (44%).

Tabela 2: Distribuição das vítimas de *bullying* no oitavo ano (n=72), quanto ao sexo. Brasília, Distrito Federal, Brasil, 2019.

Vítimas	n		%
	Meninas	Meninos	
Sim	14	11	34,7
Não	22	25	65,3
Total	36	36	100

Quanto ao tipo de violência sofrida, as vítimas relataram que “apelidar” foi o tipo de manifestação mais prevalente (84%), seguido de zoar (72%), e fofocas (44%). As variáveis *cyberbullying*, humilhar/xingar devido à cor da pele e amedrontar apresentaram os menores índices de vítimas (tabela 3).

Tabela 3- Distribuição das vítimas, segundo os tipos de ameaça, agressão ou humilhação. Brasília, Distrito Federal, Brasil, 2019

Agressão	Vítimas (n=25)	
	n	%
Agressão Física	3	12
Apelidar	21	84
Zoar	18	72
Fizeram fofoca	11	44
Pegaram algo sem permissão	5	20
Cyberbullying	1	4
Amedrontar	2	8
Isolar/excluir	5	20
Humilhar/xingar por causa da cor da pele	2	8
Humilhar/xingar por outro motivo	4	16

Os achados revelaram que a sala de aula foi o local de maior incidência de *bullying* (88%) em seguida o recreio (44%) e, os espaços como refeitório (4%) e banheiro (4%) foram os locais menos referidos pelas vítimas (Tabela 4).

Tabela 4- Distribuição das vítimas segundo os locais de ocorrência *bullying*. Brasília, Distrito Federal, Brasil 2019.

Local onde as agressões ocorreram	(n=25)	
	n	%
Sala de aula	22	88
Recreio	11	44
Banheiro	1	4
Porta da escola	2	8
Corredores	6	24
Refeitório	1	4
Caminho de Casa	5	20
Outro lugar	3	12

A respeito da variável contar para alguém o *bullying* sofrido, observa-se na tabela 5 que a quantia de alunos que não contou a agressão para ninguém representa 24% do total de vítimas embora, observou-se maior número de indivíduos que verbalizou para seus respectivos pai e/ou mãe (44%).

Tabela 5- Distribuição das vítimas quanto a ter relatado ou não o *bullying* sofrido. Brasília, Distrito Federal, Brasil, 2019.

Agressão	Agressor (n=29)	
	n	(%)
Agressão Física	7	24,1
Apelidar	18	62,0
Zoar	8	27,5
Fizeram fofoca	3	10,3
Pegaram algo sem permissão	2	6,8
Cyberbullying	0	0
Amedrontar	4	13,7
Isolar/excluir	3	10,3
Humilhar/xingar por causa da cor da pele	0	0
Humilhar/xingar por outro motivo	2	6,8

A respeito da reação da pessoa que foi informada pelo aluno sobre a ocorrência de *bullying*, 36% não contou nada sobre o ocorrido a ninguém, não houve relatos na reação “não acreditou”. Evidenciou-se que 12% das pessoas para as quais a vítima relatou ter sofrido a agressão foram omissas.

Haja vista os atores envolvidos com o *bullying*, os resultados a seguir apresentam a características dos agressores, onde foi possível observar que entre os alunos do oitavo ano, 40,3% afirmaram ter praticado algum tipo de ameaça, maltrato, humilhação ou agressão contra outro colega.

Houve maior número de relatos de perpetração do *bullying* entre os estudantes do sexo masculino (24,9%) quando comparado com os do sexo oposto (15,1%).

Tabela 6- Distribuição quanto à ameaça, maltrato, humilhação ou agressão entre os alunos do oitavo ano (n=72), quanto ao sexo. Brasília, Distrito Federal, Brasil, 2019.

Agressores	N =72		%
	Meninas	Meninos	
Sim	11	18	40,3
Não	25	18	59,7
Total	36	36	100

Quanto ao tipo de agressão, os estudantes relataram que “apelidar” foi o tipo de manifestação com maior prevalência (62%), seguido de zoar (27,5%), e agressão física (24,1%). As variáveis *cyberbullying*, humilhar/xingar por causa da cor da pele e apresentaram menor número de agressões.

No que se refere ao sentimento de perpetrar algum tipo de *bullying*, 48,2% dos agressores relataram não sentir nada ao vitimar seu par. Apontando maior prevalência entre meninos (62%) quando comparada às meninas (38%). Não houve relatos quanto a variável “senti vontade de não ir para a escola”.

Alguns estudos ressaltam que o bullying pode trazer danos no âmbito da saúde mental dos envolvidos, refletindo, negativamente, em sua qualidade de vida. Essa situação pode ser percebida no desenvolvimento das relações interpessoais entre o grupo etário envolvido, na maneira de manter seus relacionamentos entre si e, por fim, em seu desempenho educacional. Portanto, torna-se fundamental medidas interventivas a partir de programas para a resolução de conflitos, estimulando competências nos adolescentes que sejam capazes de reduzir os riscos aos quais os adolescentes estão suscetíveis (CARDOSO; GRAÇA; AMORIM, 2015).

Tabela 7: Distribuição dos agressores segundo relato da emoção gerada durante as agressões praticadas, segundo sexo. Brasília, Brasil, 2019.

Sentimento	Meninas (n=11)		Meninos (n=18)	
	n	%	n	%
Não senti nada	5	45,5	9	50
Medo	1	9	2	11,1
Tristeza	3	27,2	0	0
Vergonha	2	18,1	5	27,7
Raiva	3	27,2	3	16,6
Vontade de não ir para escola	0	0	0	0

Cabe salientar que, as emoções dos agressores (*bullies*), após praticarem atos de violência no ambiente escolar, ainda compõe uma temática pouco explorada e com estudos bastante limitados até o momento, isso requer mais pesquisas e investimentos relacionados à temática.

4. DISCUSSÃO

Após a identificação da dinâmica e das características do *bullying* no ambiente escolar, tornou-se possível compreender o que Sampaio et al. (2015 p.115) afirmam ser o “*bullying* como um tipo de violência que possui consequências graves para qualquer dos atores envolvidos, quer seja de forma direta, como as vítimas e agressores, quer seja de maneira indireta como testemunhas.”

Cabe ressaltar que os resultados desta pesquisa apontaram que 34,7% dos estudantes do oitavo ano afirmaram ter sido vítimas, revelando elevada prevalência quando comparados a resultados de estudos internacionais como, por exemplo, a pesquisa sobre os Comportamentos de Saúde em Adolescentes Escolarizados - *Health Behaviour in School - Aged Children* (HBSC) - realizado na Europa e na América do Norte, que apresentou em média uma prevalência de 14% de vitimização por *bullying*, sendo a maior frequência na Lituânia 29% e a menor na Suécia 4,5% (WHO, 2008) e, dos resultados de pesquisas nacionais que apresentaram prevalência de 7,2% (MALTA et al, 2015), 10,2% (RECH et al. 2013) 12,5% (FISCHER, 2010) e 17,6% (MOURA, CRUZ, QUEVEDO, 2011).

Quanto ao sexo das vítimas, pesquisas nacionais e internacionais mostram que a quantidade de vítimas do sexo masculino sobrepõe a do sexo feminino (MONTEIRO et al, 2017; SANTOS et al., 2014). Entretanto, os resultados do presente estudo apontaram maior prevalência de vítimas do sexo feminino (56%) em relação ao sexo oposto (44%), contrapondo os resultados nacionais e internacionais. Para esse grupo, Chaves (2018), elencou em sua investigação o perfil dessas vítimas de *bullying* como estudantes habitualmente frágeis, novos, mais fracos fisicamente e emocionalmente e geralmente são inseguros.

De acordo com Barros (2018), o *bullying* pode ser físico, verbal, psicológico, social e sexual. Pode ainda ser caracterizado como direto (agressões: físicas; verbais; sexuais) ou indireto (ferir o psicológico; espalhar boatos; excluir socialmente). Diante do exposto, os resultados da presente investigação apontaram que, quanto às formas de perpetração de *bullying*, as manifestações verbais “apelidar” (84%) e “zoar” (72%) apresentaram maior prevalência, seguido por “fazer fofoca” (44%), corroborando com resultados evidenciados em investigações nas quais a agressão verbal é apontada como a forma de *bullying* com maior

prevalência entre as vítimas (WANG; IANNOTTI; NANSEL, 2009; BEATY; ALEXEYEV, 2008, SAMPAIO et al., 2015).

Autores como Moura, Cruz e Quevedo (SAMPAIO, 2011), salientam que utilização de apelidos, muitas vezes pejorativos ou que se refiram a determinada característica física das vítimas é uma das maneiras de agressão utilizada por estudantes para perpetrarem ações violentas contra a vítima. Tal afirmação se torna consonante às constatações de autores que referem em seus estudos a prevalência de agressão verbal superior a agressão física (WANG, IANNOTTI, NANSEL, 2009; SAMPAIO et al., 2015).

Entendendo a magnitude da temática, no que engloba o envolvimento de crianças e adolescentes e as consequências preocupantes que esse tipo de violência pode gerar na vida desses estudantes, é importante elucidar que o *bullying* pode se apresentar de maneira exposta e até mesmo velada, dentro do ambiente escolar e em torno dele, como por exemplo, em brigas, amedrontamento, ameaças na porta da escola e no caminho de casa.

Frente ao exposto, os locais onde ocorre esse tipo de violência, estudos nacionais indicam que a sala de aula é onde mais praticado o *bullying* na escola (SAMPAIO, 2015; LAMAS; FREITAS; BARBOSA, 2013; RECH et al., 2013). Os resultados dessa pesquisa, corroboram com os dos estudos supracitados, a sala de aula foi o local mais referido entre as vítimas (88%), seguido pelas agressões que ocorrem no pátio da escola (44%), convergindo com as pesquisas nacionais. Salienta-se que, os locais mais referidos pelas vítimas, deveriam ser os mais supervisionados por algum membro da comunidade escolar (SILVA, 2016).

Ressalta-se que, urge uma necessidade de formar profissionais que atuam na escola, estejam preparados para identificar com maior brevidade comportamentos de violência manifestados de maneira repetitiva e díspar, para que medidas cabíveis sejam executadas a fim de quebrar o ciclo vitimização-agressão no espaço escolar. Embora, segundo Sampaio et al (2015), uma dificuldade dessa identificação ocorre pelo fato do *bullying*, por vezes, apresentar-se de maneira velada e, isso torna imprescindível a participação de um adulto em quem a vítima confie e se sinta segura para verbalizar a violência na qual esteja sendo submetida.

Cabe salientar que os resultados evidenciaram que 44% das vítimas verbalizaram para os seus respectivos pai/mãe terem sofrido algum tipo de violência. Por esta razão, ressalta-se a importância de se valorizar e estimular a participação desses sujeitos em investigações e intervenções sobre o desenvolvimento, a manutenção e a prevenção do *bullying* (SAMPAIO et al., 2015) visto que o apoio da família poderá potencializar respostas positivas no enfrentamento e na superação do *bullying* (GONÇALVES, 2016; OLIVEIRA et al., 2018; GOMES; DYBAX; BORNELES, 2017).

Nesse sentido, a relação familiar de afeto e aproximação poderá contribuir com a diminuição da vitimização causada pelo *bullying*, tornando-se um fator de proteção no que diz respeito ao envolvimento dos estudantes com esse fenômeno (OLIVEIRA et al., 2018).

Frente a esses resultados, evidencia-se a relevância de atividades e/ou intervenções que envolvam os pais, estimulando as relações parentais, respeitando as suas respectivas singularidades, para que as vítimas deste tipo de violência sintam-se seguras e apoiadas quando submetidos à agressões pelos seus pares.

Os dados dessa investigação mostraram, também a conduta da pessoa para quem a vítima relatou a agressão sofrida. 12% não reagiram e, quando as vítimas não se sentiram apoiadas, este fato refletiu na afirmação de 36% das mesmas que optaram por não contar nada sobre o ocorrido à ninguém, exigindo, dessa maneira, ações interventivas que busquem fornecer orientações para que toda a comunidade escolar seja capaz de enfrentar essa problemática.

Segundo Santos, Perkoski e Kienen (2015), desenvolvimento da escuta pelos professores para com os alunos emerge de forma essencial para o diagnóstico de violência escolar bem como na mediação de conflitos. Vale ressaltar a necessidade de criar um ambiente favorável ao diálogo para que as vítimas se sintam seguras para externarem seus medos e problemas pessoais. A instituição de ensino deve fazer um registro de toda e qualquer reclamação identificando os agressores e vítimas envolvidos nesse tipo de violência.

Autores como Sampaio et al. (2015), acreditam que se não houver intervenção frente à essas situações de conflituosas entre pares e os contextos de vitimização-agressão forem ignorados, essa omissão ou negligência gerada, independente do motivo, poderá gerar no agressor uma sensação de impunidade servindo de estímulo para que seu comportamento e, desta forma, continue agredindo outros alunos, difundindo, dessa maneira, o fenômeno *bullying* no espaço escolar.

Cabe à figura que receber o relato da vítima sobre a agressão, identifica-la e classifica-la como *bullying* e não como uma brincadeira característica para a idade, Oliveira (2019), diz que esse tipo de violência “é a crueldade frequente e sistemática”, visto que a comunidade escolar deve estar preparada para identificar e saber como reagir frente a essa situação, devem chamar o agressor e conversar sobre a situação, orientando-o a não repetir a ação (CARVALHO, 2012) e entrar em contato com pais para que a situação seja resolvida em conjunto.

O conjunto de dados dessa investigação apontou que 40,3% dos estudantes do oitavo ano se denominaram agressores, situação que se aproximou dos valores encontrados nos estudos de Romaní, Gutiérrez e Lama (2011), onde esses pesquisadores constataram que 37,5% dos estudantes entrevistados eram provocadores de situações de *bullying*. Esses valores

elevados apontam a necessidade de trabalhar com esses alunos que se denominam agressores, cabe ressaltar que fato deles reconhecerem que estão perpetrando algum tipo de violência contra um colega já é um importante passo para descobrir o porquê ele faz isso e assim intervir de maneira eficiente com cada agressor.

Dos agressores, 24,9% era do sexo masculino e 15,1% do sexo oposto. Estudos mostram que os meninos possuem maior chances de se envolverem nessas situações de conflito (BANDEIRA; HUTZ, 2012; MELIN, 2011; MENDES, 2011). Segundo uma pesquisa realizada por Silva, Dascanio e do Vale (2016) o fato dos meninos estarem em maioria quando se trata de agressões se deve ao fato que elevados níveis de testosterona podem levar a um comportamento mais agressivo, principalmente na fase da puberdade que é a idade em que os participantes da pesquisa se encontram, portanto, eles têm a maior possibilidade de adotar esse tipo de comportamento. Por vezes as meninas utilizem de formas sutis do *bullying* sendo assim mais difícil de identificá-lo (GUIMARÃES, 2018).

Segundo o tipo de agressão deliberada, pôr apelidos foi o mais relatado com 62%, seguido de “zoar” 27,5%, esses dados convergem com os relatos das vítimas. Os dados evidenciaram que 24,1% dos agressores relataram ter perpetrado “agressão física”, divergindo do relato das vítimas que foi de 12%. Segundo Silva (2016) referem ao mencionarem os agressores como indivíduos que mobilizam a opinião dos colegas contra a vítima, através de apelidos que acentuam alguma característica física, psicológica ou trejeito considerado negativo, diferente ou esquisito.

Ao se caracterizar os agressores, há uma divergência entre os autores. Simões et al. (2015), afirmam que são estudantes que gostam de estar em evidência e adquirem popularidade por meio da perpetração ameaça, agressão e humilhação das vítimas.

Estudos anteriores, já despontavam, a constatação que, quem provoca o *bullying* na escola, pode ser um adolescente dotado de problemas emocionais e impotentes frente às dificuldades experimentadas, vítimas de ações agressivas dentro de casa, são impulsivos, têm dificuldades de atenção, déficits cognitivos e desempenho escolar deficiente e, contrariamente, se destacam nas práticas esportivas e brincadeira de luta, por exemplo (LEVANDOSKI; CARDOSO, 2013; SANTOS; SANTOS, 2011). Para esses autores, é importante a escola implementar medidas de intervenção para esse grupo pois também está propenso às consequências do *bullying*, como a depressão e para ataques de culpabilidade, por agirem de maneira socialmente inaceitável.

Contudo, no presente estudo a variável “não sentir nada” ao perpetrar o *bullying* foi relatado por 48,2% dos estudantes que agrediram seus pares de maneira repetitiva e intencional

e, 17,2% referiram que “sentiram vergonha” de sua conduta enquanto agressor. Fortalecendo a necessidade de medidas de enfrentamento do bullying pois, os agressores, quando não assistidos, podem sofrer consequências emocionais e apresentarem dificuldades de aprendizagem, distanciamento e falta de adaptação aos objetivos escolares, além de supervalorizar a violência, como forma de obtenção de poder, além da projeção de condutas violentas na vida adulta (FANTE, 2005).

E, visto que existem evidências que o agressor tende a se envolver cada vez mais com situações de violência e apresentar comportamento de risco como o consumo de drogas socialmente aceitas (álcool e tabaco) bem como, com o uso de substâncias psicoativas e até o uso ilegal do porte de arma (BANDEIRA; HUTZ, 2012a;; MATOS; GONÇALVES, 2009; NETO, 2005; MELIM, 2011; ZAINÉ et al., 2010), pode-se, então, afirmar que a intervenção é um fator protetivo no que diz respeito às possibilidades de se envolverem com o submundo da criminalidade. Por esse motivo, Souza e Silva (2015), fazem menção à necessidade de se criar condições em que possam ser estabelecidas práticas de comportamentos amistosos, evitando o uso da punição e castigos, suspensão ou mesmo exclusão da escola pois, dessa forma, fortaleceria a marginalização desse grupo específico.

Dessa forma, emerge o enfermeiro como uma possibilidade de mediar das ações de educação em saúde, desenvolvendo ações intersetoriais por, em sua *práxis* profissional, atuar por meio de medidas preventivas e protetivas de danos e agravos e, utilizando-se de estratégias de empoderamento de indivíduos/coletividade, para que esse tipo de violência tenha sua prevalência diminuída no espaço escolar.

5. CONCLUSÃO

A prevenção e a redução do *bullying* no espaço escolar não é algo simples. Isso está atrelado ao fato de que cada escola possui sua própria dinâmica e, a forma que esse tipo de violência se apresenta torna-se diferente em cada um desses contextos.

A omissão é hoje apontada como um dos maiores incentivos indiretos à prática deste tipo de violência, juntamente ao desconhecimento dos responsáveis, ou até mesmo pela cumplicidade entre os agressores. É importante salientar que a escola é um lugar de formação de indivíduos que serão, muitas vezes, formadores de outros indivíduos em sua vida adulta, plantando sementes dos frutos colhidos durante seu desenvolvimento pueril. Garantir um ambiente saudável, minimizando possíveis violências dentro do contexto escolar é papel de toda equipe que está em contato com os alunos, atentando para alterações comportamentais dentro e fora da sala de aula.

Cabe a cada instituição de ensino em conjunto com as equipes multiprofissionais onde os enfermeiros se tornam elo entre o setor saúde e educação, implementarem atividades interventivas, de acordo com a sua demanda, realizando a identificação da existência e da manifestação desse fenômeno e embasando essas ações nos achados referentes ao perfil das relações que ocorrem com seus estudantes. Desta forma, a repressão ao *bullying* se torna mais eficiente, auxiliando no desenvolvimento do caráter do indivíduo que começa a se ver dentro do contexto escolar não mais como vítima, mas sim como alguém capaz de enfrentar situações e, paralelamente, expressar seus sentimentos de forma positiva e não como um repetidor da violência sofrida.

Trabalhar o empoderamento do indivíduo é também papel da enfermagem, dentro e fora do contexto escolar, mostrando sempre que o ser humano, independentemente de sua idade tem direito ao respeito e dignidade, devendo ser visto como sujeito ativo de seu próprio futuro.

Intervir sobre os aspectos do *bullying* e minimizar os danos causados por esse fenômeno refletirá na adoção de práticas de identificação precoce e mediação dos conflitos por parte dos adultos que façam parte da comunidade escolar bem como, estabelecer relações saudáveis e respostas positivas e amistosas frente às situações que poderiam ser precursoras deste tipo de violência a qual mais adiante poderá tomar proporções extremas.

REFERÊNCIAS

- ALVES, C. F. *Bullying: Gestão escolar e a saúde pública, uma revisão da literatura*. **Revista Eletrônica Gestão e Saúde**, Brasília, v. 6, n. 3, p. 2919-2933, 2015. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5555841>. Acesso em: 05 jul. 2020.
- BANDEIRA, C.; HUTZ, C. As implicações do *bullying* na auto-estima de adolescentes. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 131-138, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pee/v14n1/v14n1a14.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2020.
- BANDEIRA, C.; HUTZ, C. *Bullying: Prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros*. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 35-44, 2012b. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pee/v16n1/04.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2020.
- BARROS, J. P. et al. *Bullying em adolescentes obesos e eutróficos no contexto escolar*. **Contrib Cienc Soc [Internet]**. 2018. Disponível em: <https://www.eumed.net/rev/ccss/2018/04/bullying-adolescentes-obesos.html>. Acesso em: 18 jul. 2020.
- BEATY, L. A.; ALEXEYEV, E. B. *The problem of school bullies: what the research tells us*. **Adolescence**, v. 43, n. 169, p. 1-11, 2008. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/18447077/>. Acesso em: 15 jul. 2020.

- BECKER, K. L.; KASSOUF, A. L. Violência nas escolas públicas brasileiras: uma análise da relação entre o comportamento agressivo dos alunos e o ambiente escolar. **Nova Economia**, Minas Gerais, v. 26, n. 2, p. 653-677, 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-63512016000200653&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 15 jul. 2020.
- CARDOSO, L. B. F.; GRAÇA, L. C.; AMORIM, M. I. S. P. L. Sentido interno de coerência, qualidade de vida e bullying em adolescentes. **Psicologia, Saúde & Doenças**, Lisboa, v. 16, n. 3, p. 345-358, set. 2015. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1645-00862015000300006. Acesso em: 15 jul. 2020.
- CARLYLE, K. E.; STEINMAN, K. J. Demographic differences in the prevalence, co-occurrence, and correlates of adolescent bullying at school. **J Sch Health**. v. 77, n. 9, p. 623-629, 2007. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/j.1746-1561.2007.00242.x>. Acesso em: 15 jul. 2020.
- CARVALHO, A. C. et al. *Bullying* ou conflito entre pares? Incidências, características das vítimas e impacto psicológico. **Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación**, n. 02, p. 69-76. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/Bullying-ou-conflito-entre-pares-Incid%C3%A2ncias%2C-das-e-Carvalho-Cussecala/e102f6e346695715206164adeeb9c21d4f41ea83>. Acesso em: 15 jul. 2020.
- CARVALHO, J. E. **Os benefícios das atividades lúdicas para a prevenção do bullying no contexto escolar**. (Tese) Doutorado em Estudos da Criança, especialização em Educação Física, Lazer e Recreação, apresentado ao Instituto de Educação da Universidade do Minho, 2012. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/23562>. Acesso em: 15 jul. 2020.
- CHAVES, D. R. L.; SOUZA, M. R. D. *Bullying* e preconceito: a atualidade da barbárie. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 23, e230019, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v23/1809-449X-rbedu-23-e230019.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2020.
- DIAS, M. Á. L.; DADICO, L.; CASCO, R. Relatos de participação no *bullying*: tipos e consequências. **Revista Cocar**, v. 14, n. 28, p. 49-69, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/3106>. Acesso em: 18 jul. 2020.
- DINIZ, M. H. *Bullying* e suas consequências jurídicas. **Revista Jurídica Luso-Brasileira**, Lisboa, v. 3, n. 2, p. 625-661, 2017. Disponível em: http://www.cidp.pt/revistas/rjlb/2017/2/2017_02_0625_0661.pdf. Acesso em: 16 jul. 2020.
- DRESLER-HAWKE, E.; WHITEHEAD, D. *The behavioral ecological model as a framework for school-based anti-bullying health promotion interventions*. **The Journal of School Nursing**, v. 25, n. 3, p. 195-204, 2009. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/19363105/>. Acesso em: 16 jul. 2020.
- FANTE, C. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2. ed. Campinas: Versus, 2005.
- FANTE, C.; PEDRA, J. A. **Bullying escolar**: perguntas e respostas. Porto Alegre: Artmed, 2008. 132 p.

FISCHER, R. M. Relatório de Pesquisa “*Bullying* escolar no Brasil”. CEATS - Centro de Empreendedorismo Social e Administração em Terceiro Setor e FIA - Fundação Instituto de Administração, 2010. Disponível em:

<https://www.ucb.br/sites/100/127/documentos/biblioteca1.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2020

GALVÃO, A.; SHULTZ, L.; GUIMARÃES-IOSIF, R. A natureza multifacetada das tensões na escola. **Interacções**, v. 11, n. 38, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.25755/int.8471>. Acesso em: 14 jul. 2020

CONTINENTE, X. G.; GIMÉNEZ, A. P.; ADELL, M. N. Factors related to bullying in adolescents in Barcelona (Spain). **Gac Sanit**, Espanha, v. 24, n. 2, p. 103-108, 2010. Disponível em: <https://jhu.pure.elsevier.com/en/publications/factors-related-to-bullying-in-adolescents-in-barcelona-spain>. Acesso em: 14 jul. 2020.

GIORDANI, J. P.; SEFFNER, F.; DELL'AGLIO, D. D. Violência escolar: percepções de alunos e professores de uma escola pública. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 21, n.1, p. 103-111, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-85572017000100103&script=sci_arttext. Acesso em: 17 jul. 2020.

GOMES, A. F. B.; DYBAX, A. C.; DORNELES, M. A parceria família-escola em prol das ações contra o *bullying*. **Ensaio Pedagógico**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 55-64, 2017. Disponível em: <http://www.opet.com.br/faculdade/revista-pedagogia/pdf/n13/artigo5.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2020.

GUIMARÃES, J. (2018). **Dinâmicas interacionais do bullying entre meninas: explorando as tramas do aprendizado de gênero**. *Ex aequo*, v. 38, p. 167-182. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-55602018000200012. Acesso em 13 de jul. 2020.

LAMAS, K. C. A.; FREITAS, E. R.; BARBOSA, A. J. G. *Bullying* e Relação Professor-Aluno: Percepções de Estudantes do Ensino Fundamental. **PUCRS Psico**, Porto Alegre, v. 44, n. 2, p. 263-272, abr./jun. 2013. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/11738/0>. Acesso em: 13 jul. 2020.

LEVANDOSKI, G.; CARDOSO, F. Imagem corporal e *status* social de estudantes brasileiros envolvidos em *bullying*. **Revista Latinoamericana de Psicologia**, v. 45, n. 1, p. 135-45, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/rlps/v45n1/v45n1a10.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2020.

NETO, A. A. L. *Bullying: saber identificar e como prevenir*. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 2011.

MALTA, D. C.; SILVA, M. A. I.; MELLO, F. C. M; MONTEIRO, R. A., SARDINHA, L. M. V., CRESPO, C., CARVALHO, M. G. O.; SILVA, M. M. A.; PORTO, D. L. *Bullying* nas escolas brasileiras: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), 2009. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, supl. 2, p. 3065-3076, 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232010000800011>. Acesso em: 06 jul. 2020.

MANZINI, R. G. P. Estratégias de Prevenção ao *Bullying* na Perspectiva da Análise do Comportamento. **IBAC**, Brasília, p. 3, 2018. Disponível em: <https://ibac.com.br/wp-content/uploads/2019/01/Estrat%C3%A9gias-de-Preven%C3%A7%C3%A3o-ao-Bullying-Raquel-Manzini-outubro-2018.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2020.

MARTINS, L. L. G. **Bullying**: a violência entre adolescentes em contexto escolar: uma meta-análise. Universidade da Madeira, 2013. Disponível em: <https://digituma.uma.pt/bitstream/10400.13/650/1/MestradoLilianaMartins.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2020.

MELIM, F. M. O. **Na escola, tu és feliz?** Estudo sobre as manifestações e implicações do *bullying* escolar. (Tese). Doutoramento em Estudos da Criança, especialização em Educação Física, Lazer e Recreação, apresentado ao Instituto de Educação da Universidade do Minho. Minho, Portugal, 2011.

MELLO, F. C. M.; SILVA, J. L. D.; OLIVEIRA, W. A. D.; PRADO, R. R. D.; MALTA, D. C.; M. A. I. A prática de *bullying* entre escolares brasileiros e fatores associados - Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2015. **Ciência e Saúde Coletiva**, n. 22, p. 2939-2948. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csc/2017.v22n9/2939-2948/pt/>. Acesso em: 15 jul. 2020.

MENDES, C. S. Prevenção da violência escolar: avaliação de um programa de intervenção. **Rev. Esc. Enferm.** São Paulo, v. 45, n. 3, p. 582-88, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/reeusp/v45n3/v45n3a05.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2020.

MONTEIRO, R. P. et al. Valores humanos e *bullying*: idade e sexo moderam essa relação? **Trends in Psychology**, v. 25, n. 3, p. 1317-1328, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/tpsy/v25n3/2358-1883-tpsy-25-03-1317.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2020.

MOURA, D. R.; CRUZ, A. C.; QUEVEDO, L. A. *Prevalence and characteristics of school age bullying victims*. In: *Jornal de Pediatria*, v. 87, n. 1, p. 19-23, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/jped/v87n1/v87n01a04.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2020.

NOGUEIRA, J. M.; LISBOA, C. S. M.; MATOS, M. G.; TEODORO, M. L. M.; NEUFELD, C. B. Adaptação cultural do Protocolo *Health Behaviour in School-aged Children* para a realidade brasileira. **Revista Psicologia - Teoria e Prática**, v. 21, n. 3, 2019. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/11411>. Acesso em: 18 jul. 2020.

NOVA, I. S. V.; SENA, C. L.; DE OLIVEIRA, I. R. Ocorrência do *bullying* entre alunos de uma escola pública do município de Salvador, Brasil. **Revista de Ciências Médicas e Biológicas**, v. 14, n. 3, p. 338-342, 2015. Disponível em: <https://cienciasmedicasbiologicas.ufba.br/index.php/cmbio/article/view/14975/10911>. Acesso em: 13 jul. 2020.

OLIVEIRA, W. A. D.; SILVA, J. L.; DOS SANTOS, M. A.; HAYASHIDA, M.; CARAVITA, S. C. S.; SILVA, M. A. I. Interações familiares de estudantes em situações de *bullying*. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 67, n. 3, p. 151-158. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/jbpsiq/v67n3/1982-0208-jbpsiq-67-03-0151.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2020.

OLIVEIRA, W. A. D.; SILVA, J. L.; QUERINO, R. A.; DOS SANTOS, C. B.; FERRIANI, M. G. C.; DOS SANTOS, M. A.; SILVA, M. A. I. Revisão sistemática sobre *bullying* e família: uma análise a partir dos sistemas bioecológicos. **Revista de Salud Pública**, n. 20, v. 3, p. 396-403, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/rsap/2018.v20n3/396-403/pt>. Acesso em: 18 jul. 2020.

- Oliveira, W. P. S. et al. Levantamento de dados com educadores de uma rede privada de ensino: sondagem dos conhecimentos para identificar, intervir e combater o *bullying*. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, São Paulo, n. 31, supl. 31, 2019. Disponível em <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/1165>. Acesso em: 15 jul. 2020.
- PEREIRA, B. O. P. Para uma escola sem violência: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.
- PEREIRA, B. O.; SILVA, M. A. I.; NUNES, B. Descrever o *bullying* na escola: estudo de um agrupamento de escolas no interior de Portugal. **Rev Diálogo Educ**, v. 9, n. 28, p. 455-466, 2009. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/3169>. Acesso em: 20 jun. 2020.
- PEREIRA, K. K. Consequências e implicações do *bullying* nos envolvidos e no ambiente escolar. Portal Educação, 25 jan. 2013. Disponível em: <http://www.portaleducacao.com.br/Artigo/Imprimir/29893>. Acesso em: 25 jun. 2020.
- RECH, R. R.; HALPERN, R.; TEDESCO, A.; SANTOS, D. F. Prevalência e características de vítimas e agressores de *bullying*. **Jornal de Pediatria**, Porto Alegre, v. 89, n. 2, p. 164-170, abr. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jped.2013.03.006>. Acesso em: 20 jun. 2020.
- RISTUM, M. *Bullying* escolar. In: ASSIS, S. G. (Org.), CONSTANTINO, P; AVANCI, J. Q. **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/Editora Fiocruz, 2010. p. 95-119.
- ROCHA, M. O.; COSTA, C. L.; PASSOS NETO, I. *Bullying* e o papel da sociedade. Cadernos de Graduação - Ciências Humanas e Sociais, v. 1, n. 16, p. 191-199, 2013. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/index.php/cadernohumanas/article/view/534>. Acesso em: 23 jun. 2020.
- ROMANÍ, F.; GUTIÉRREZ, C., LAMA, M. Auto-reporte de agresividad escolar y factores asociados en escolares peruanos de educación secundaria. **Revista Peruana de Epidemiologia**, v. 15, n. 2, p. 1-8, mayo-ago. 2011. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3994988>. Acesso em: 23 jun. 2020.
- SAMPAIO, J. M. C. **Bullying no contexto escolar: avaliação de um programa de intervenção**. 2015. Tese (Doutorado em Enfermagem em Saúde Pública) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2015. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/22/22133/tde-04032016-193910/pt-br.php>. Acesso em: 20 jun. 2020.
- SAMPAIO, J. M. C. et al. Prevalência de *bullying* e emoções de estudantes envolvidos. **Texto e Contexto-Enfermagem**, v. 24, n. 2, p. 344-352, 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/tce/v24n2/pt_0104-0707-tce-24-02-00344.pdf. Acesso em: 04 jul. 2020.
- SANTOS, J. A. D.; CABRAL-XAVIER, A. F.; PAIVA, S. M.; LEITE-CAVALCANTI, A. Prevalência e Tipos de *Bullying* em Escolares Brasileiros de 13 a 17 anos. **Revista de Salud Pública**, n. 16, p. 173-183, 2014. Disponível em: <http://www.scielosp.org/pdf/rsap/v16n2/v16n2a02.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2020

SANTOS, J. O.; SANTOS, R. M. S. *Bullying*: o novo fenômeno da violência escolar. **REBES**, v. 1, n. 1, p. 15-23, 2011. Disponível em:
<https://www.redalyc.org/pdf/5137/513751493017.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2020.

SANTOS, M. M.; PERKOSKI, I. R.; KIENEN, N. *Bullying*: atitudes, consequências e medidas preventivas na percepção de professores e alunos do ensino fundamental. **Temas em Psicologia**, v. 23, n. 4, p. 1017-1033, 2015. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2015000400017. Acesso em: 08 jul. 2020.

SILVA, D. et al. Vítimas e agressores: manifestações de bullying em alunos do 6º ao 9º ano de escolaridade. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, n. SPE5, p. 57-62, 2017. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1647-21602017000200010. Acesso em: 15 jul. 2020.

SILVA, E. F. D.; LIMA, R. C. D. D. S. O. *Bullying*: como afeta a auto-estima dos adolescentes. 2016. Disponível em:
<http://ds.facfama.edu.br/xmlui/bitstream/handle/1/27/BULLYING%20COMO%20AFETA%20A%20AUTO-ESTIMA%20%20DOS%20ADOLESCENTES.pdf?sequence=1> Acesso em: 18 jul. 2020.

SILVA, F.; DASCANIO, D.; do VALLE, T. G. M. O fenômeno bullying: diferenças entre meninos e meninas. **Reflexão e Ação**, v. 24 n. 1, p. 26-46. Disponível em:
<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/7014>. Acesso em: 14 jul. 2020.

SILVA, J. L. et al. Resultados de intervenções em habilidades sociais na redução de *bullying* escolar: revisão sistemática com metanálise. **Trends in Psychology**, v. 26, n. 1, p. 509-522, 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2358-18832018000100509&script=sci_arttext Acesso em: 16 jul. 2020.

SILVA, M. A. I. et al. The view of teachers on bullying and implications for nursing. **Rev. Esc. Enferm.**, São Paulo, v. 48, n. 4, p. 723-730, ago. 2014. Disponível em:
http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v48n4/pt_0080-6234-reeusp-48-04-723.pdf. Acesso em: 22 jun. 2020.

SILVA, N. P. **Indisciplina e bullying**: soluções ao alcance de pais e professores. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

SILVA, R. M.; ARAÚJO, M. A. L. Promoção da saúde no contexto interdisciplinar. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**. v. 20, n. 3, p. 141-142, 2007.

SILVA, V. M. D. *Bullying* na sala de aula e o papel do professor no Ensino Fundamental. **Bachelor's thesis**, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2016. Disponível em:
https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/3537/6/BullyingPapelProfessorEnsinoFundamental_Artigo_2016.pdf. Acesso em: 18 jul. 2020.

SIMÕES, S. C. C.; FERREIRA, J. J.; BRAGA, S.; VICENTE, H. T. *Bullying*, vinculação e estilos educativos parentais em adolescentes do 3º ciclo do ensino básico. **Revista Portuguesa de Investigação Comportamental e Social**, v. 1, n. 1, p. 30-41. Disponível em:
<https://rpics.ismt.pt/index.php/ISMT/article/view/8/6>. Acesso em: 18 jul. 2020.

SOUZA OLIVEIRA, W. P.; OLIVEIRA, M. S.; RODRIGUES, K. F. M.; OLIVEIRA, A. T. F.; PIMENTA, A. S.; BEZERRA, L. C.; ROCHA, I. C.; GONÇALVES, F. T. D. Levantamento de dados com educadores de uma rede privada de ensino: sondagem dos conhecimentos para identificar, intervir e combater o *bullying*. **Revista Eletrônica Acervo**

Saúde, n. 31, p. e1165, 4 set. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.25248/reas.e1165.2019>. Acesso em: 15 jul. 2020.

SOUZA, J. M.; SILVA, J. P. *Bullying* nas escolas: conhecer para intervir. In: PARENTE, C. M. D.; VALLE, L. E. L. R; MATTOS, M. J. V. M. (org.). **A formação de professores e seus desafios frente às mudanças sociais, políticas e tecnológicas**. Porto Alegre: Penso, 2015.

TTOFI, M. M.; FARRINGTON, D. P.; LÖSEL, F.; LOEBER, R. Do the victims of school bullies tend to become depressed later in life? A systematic review and meta-analysis of longitudinal studies. **J. Aggress. Confl. Peace Res**, v. 3, n. 2, p. 63-73, 2011. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/17596591111132873/full/html>. Acesso em: 15 jul. 2020.

WANG, J.; IANNOTTI, R. J.; NANSEL, T. R. School bullying among adolescents in the United States: physical, verbal, relational, and cyber. **J Adolesc Health**, n. 45, p. 368-75, 2009. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1054139X09001384>. Acesso em: 15 jul. 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Inequalities young people's health: key findings from the Health Behaviour in School-aged Children (HBSC) 2005/2006 survey fact sheet. Copenhagen: World Health Organization. Disponível em: www.euro.who.int/__data/assets/pdf_file/0005/53852/E91416.pdf. Acesso em: 15 jul. 2020.

YOSHINAGA, A. C. M. **Bullying e o trabalho do enfermeiro no contexto escolar: validação de um programa de intervenção através do método Delphi**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 2015. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/22/22133/tde-27072015-161153/publico/ANDREACRISTINAMARIANOYOSHINAGA.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2020.

ZEQUINÃO, M. A.; MEDEIROS, P.; PEREIRA, B.; CARDOSO, F. L. *Bullying* escolar: um fenômeno multifacetado. **Educação e Pesquisa**, v. 42, n. 1, p. 181-198, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/298/29844947013.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2020.

APÊNDICE A – AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAR O BANCO DE DADOS

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE – FACES
CURSO DE ENFERMAGEM
CAMPUS DO UNICEUB – ASA NORTE – BRASÍLIA-DF
CEP: 70790-075 – TELEFONE: (061) 3966-1201

Brasília, 20 de Junho de 2020

Ilma. Sra.

Profa. Dra. Julliane Messias Cordeiro Sampaio

Prezada Senhora

Solicito a autorização para a utilização do banco de dados do trabalho de iniciação científica intitulado: **A atuação da enfermagem no diagnóstico situacional do bullying escolar na capital federal brasileira** sob sua orientação, para o desenvolvimento do projeto de bacharelado em enfermagem intitulado **A dinâmica do bullying escolar: o perfil de estudantes do 8º ano das escolas públicas da capital brasileira** da bacharel Ana Alice Damasceno, regularmente matriculada no curso de Enfermagem do Centro Universitário de Brasília- UniCEUB.

Sem mais para o momento, subscreve-nos.

Atenciosamente,
Ana Alice Damasceno

Eu, Julliane Messias Cordeiro Sampaio, autorizo a utilização do banco de dado mediante a assinatura do termo de compromisso em assumir sigilo e confidencialidade.



Julliane Messias Cordeiro

**APÊNDICE B – TERMO DE COMPROMISSO EM ASSUMIR SIGILO E
CONFIDENCIALIDADE**

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE – FACES
CURSO DE ENFERMAGEM
CAMPUS DO UNICEUB – ASA NORTE – BRASÍLIA-DF
CEP: 70790-075 – TELEFONE: (061) 3966-1201

Brasília, 20 de Junho de 2020

Ilma. Sra.

Profa. Dra. Julliane Messias Cordeiro Sampaio

Prezada Senhora

Eu, **Ana Alice Damasceno**, regularmente matriculada no curso de Enfermagem do Centro Universitário de Brasília- UniCEUB, assumo a responsabilidade de manter sigilo sobre os dados coletados da pesquisa intitulada **A atuação da enfermagem no diagnóstico situacional do bullying escolar na capital federal brasileira** pela Dra. Julliane Messias Cordeiro Sampaio, bem como solicitar a autorização para publicações advindas desta pesquisa.

Sem mais para o momento, subscreve-nos.

Atenciosamente,

Ana Alice Damasceno